



DOI:10.12957/transversos.2019.41848

ReVista
TransVersos

OS MUSSEQUES DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA E A HISTÓRIA DE OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS DE LUANDA (1950-1970)

Alexandre da Silva Santos

Universidade Federal do Amazonas

alexandresantosp@gmail.com

Keith Barbosa

Universidade Federal do Amazonas

keithbarbosa@hotmail.com

Resumo: O presente artigo visa a realizar uma reflexão, a partir da escrita de José Luandino Vieira, sobre os musseques de Luanda enquanto repositórios de histórias e memórias, cenários de mobilidades e deslocamentos humanos na capital angolana. Examinando algumas obras do escritor, um importante representante da literatura angolana, evidenciam-se narrativas das vivências esquecidas de uma parcela da população angolana, tendo como pano de fundo o processo de libertação do país. Através de uma perspectiva decolonial, este estudo ampara-se em um diálogo interdisciplinar entre a história e a literatura, e, ao revisitar alguns escritos clássicos da literatura angolana, busca compreender a multifacetada realidade dos moradores dos musseques de Luanda.

Palavras-chave: Luanda; Musseques; Literatura; José Luandino Vieira.

Abstract:

This article aims to reflect on the writings of José Luandino Vieira about the Luanda's musseques as repositories of stories and memories, scenarios of mobilities and human displacements in the Angolan capital. When examining some works of the writer, an important representative of Angolan literature, narratives of the forgotten experiences of a portion of the Angolan population are evidenced, having as background the process of liberation of the country. From a decolonial perspective, this study is based on an interdisciplinary dialogue between history and literature, and, revisiting some classic writings of Angolan literature, it seeks to understand the multifaceted reality of the residents of the Luanda's musseques.

Keywords: Luanda; Musseques; Literature; José Luandino Vieira.

Observar as paisagens dos musseques de Luanda, a partir de um diálogo interdisciplinar entre a história e a literatura, significa desvelar um repositório de histórias sob as camadas sobrepostas de ferro, metal e madeira que moldavam as fachadas das moradias desses espaços. Mais do que isso, ao mergulharmos no campo da literatura de ficção produzida nessas regiões urbanas em constantes transformações, multiplicamos as possibilidades de interpretação acerca dos complexos processos identitários e dinâmicas culturais que marcaram a história da capital angolana em meados do século XX.

O escritor angolano José Luandino Vieira, contista e romancista nascido em 1935 em Portugal e que passou a juventude em Angola, cresceu em uma região marcada por tensões oriundas de um discurso colonial que contribuiu para a marginalização das pessoas que ali residiam. A vivência no musseque de Braga, hoje conhecido como Bairro do Café, possibilitou ao escritor produzir textos que revelassem as características tanto dos espaços sociais das ocupações urbanas quanto das populações que habitavam a região luandense. A partir dessa articulação entre história e literatura é possível examinarmos o contexto angolano tendo como fio condutor os musseques na escrita literária de José Luandino Vieira. Além disso, considerando que escrita literária está impregnada de marcas sociais e históricas, é possível reconstruir o cotidiano da população local observando vestígios deixados no texto ficcional do escritor.

João Paulo Borges Coelho, escritor e historiador moçambicano, ao discutir a relação entre a escrita acadêmica e a escrita literária, problematizando a serventia da ciência, da literatura ou da arte, argumenta: “ambas se destinam a trazer respostas e explicações sobre a realidade que nos cerca e as experiências que vivemos, embora com metodologias distintas e actuando em dimensões distintas” (COELHO, 2008: p. 234). Nesse sentido, talvez possamos argumentar que, com a análise dos livros *Luuanda* (1963) e *A cidade e a infância* (1960), dois importantes exemplos da literatura angolana produzida no contexto da independência do país, projetem-se vivências e vestígios da história dos moradores dos musseques de Luanda.

Em artigo recente acerca das tendências contemporâneas no estudo das literaturas africanas, Secco (2019) alerta para considerarmos a perspectiva da descolonização. Segundo a autora, é necessário “um olhar descolonial, que põe sob suspeita leituras e comportamentos preconceituosos, racistas, opressores” (SECCO, 2019: p. 7-8).

Em contraponto à ideia de invisibilidade e marginalização das populações dos musseques, em *A cidade e a infância* José Luandino Vieira delinea possibilidades de leituras para as realidades que se fazem ali presentes, com personagens de uma ficção que representam a infância de Luanda. Além disso, o escritor apresenta os locais em que transformações

ocorreram rapidamente, como ilustram as trajetórias dos personagens Zito, Ricardo e Marina: o primeiro, um negro que saiu para estudar e voltou para Angola; o segundo, negro e que morre decorrente de uma perseguição policial; e, por fim, uma menina branca obrigada a cortar relações de amizade com um negro.

A obra *Luuanda* apresenta os contos intitulados “Vavó Xixi e o seu neto Zeca Santos”, “Estória do ladrão e do papagaio” e “Estória da galinha e do ovo”. Tais histórias revelam pistas de como os moradores desses aglomerados urbanos viviam e como suas trajetórias pessoais estavam marcadas por preconceito e marginalização.

Nessa integração com o lugar, José Luandino Vieira, que teve um papel de destaque no Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)¹, expõe um contexto que foi alvo dos movimentos de libertação, com o recrutamento para fazer frente aos militares portugueses. O escritor revela uma face da situação do colonialismo em Luanda, como também a cidade dos musseques, espaço periférico de uma zona urbana que testemunhava as tensões e os conflitos daquele tempo.

Assim, pensar nos musseques da capital angolana é considerar o testemunho de José Luandino Vieira sobre o local, porque ele viveu a experiência da colonização, participando de conflitos pela independência de Angola. O escritor projetou nas suas narrativas o resultado de um crescimento urbano acelerado que contribuiu com o aumento da favelização, ou seja, sua escrita reflete a “expressão da produção cultural num determinado tempo e num determinado espaço” (COELHO, 2008: p. 236).

José Luandino Vieira redigiu boa parte de sua obra ainda no cárcere. De acordo com Nascimento, o escritor “talvez seja aquele que melhor traduziu literariamente a Luanda de meados do século XX, suas obras são marcadas por uma forte representatividade da cena luandense, apesar de escapar constantemente aos parâmetros de verossimilhança” (NASCIMENTO, 2016: p. 279). Dessa maneira, questões como o colonialismo e a formação de uma nacionalidade emergem como temas privilegiados na ficção em Luandino Vieira.

Como afirma Carvalho (2016), a intelectualidade angolana fez da escrita literária um reflexo das transformações projetadas em Angola em meados de 1950. Desse modo, ao refletirmos sobre os musseques de Luanda enquanto lugar de complexas experiências e trajetórias de uma volumosa parcela da população angolana, talvez possamos vislumbrar como os africanos recriaram formas de resistência nas regiões periféricas luandenses e como lutavam contra a

¹ Ver: BITTENCOURT, 2008.

condição de subalternidade. Tais aglomerados urbanos, quando percebidos como espaços de encontros e de produção de conhecimento, revelam importantes dimensões sobre a história angolana.

1. Os musseques de José Luandino Vieira

Quando José Luandino Vieira escolheu a grafia do título do livro *Luuanda* optou pela repetição da letra “u”, o que já indica o propósito de escrever histórias sobre os musseques. Tal escolha remete ao quimbundo, língua predominante naqueles aglomerados envoltos na zona central de Luanda. E também aos momentos de sua infância no musseque de Braga, que foi representado com maior densidade em *A cidade e a infância* em 1960.

Influenciado pela geração de 50, cujos escritores e intelectuais tinham como propósito fomentar na população uma consciência de nacionalismo de luta contra o sistema colonial português, fruto de um trabalho que viera com os grupos literários dos anos de 1880, 1896 e 1940², o escritor projetou na ficção as múltiplas dimensões do cotidiano dos musseques luandenses.

Sobre os grupos literários, Carlos Everdosa discute que:

Na história da literatura angolana salientam-se quatro grupos literários, qualquer deles tendo por berço a velha cidade de Luanda: o grupo literário de 1880 que deu vida à imprensa africana que conheceu na altura um notável desenvolvimento, o de 1896, ainda com predomínio do jornalismo como melhor forma de expressão mas já intencionalmente virado para a literatura, e os dois últimos, praticamente nos nossos dias, um em 1950 e o outro sete anos depois. (EVERDOSA, 2015: p. 8)

No conto “Estória do ladrão e do papagaio” surgem vestígios das estratégias de sobrevivência dos que moravam nesses aglomerados e que serviram de base para a construção dos personagens do escritor, como é o caso de Lomelino dos Reis, preso acusado do roubo de um papagaio. Na situação narrada ocorrem diálogos dele com as autoridades policiais que revelam a outra prática de subversão que o sistema colonial impôs, principalmente aos moradores dos musseques: a violência psicológica e física através do preconceito racial, presente na forma como falam com os prisioneiros, por exemplo, sempre destacando serem negros, bandidos.

A história do roubo do papagaio desenrola-se no musseque de Sambizanga, que, de acordo com Lomelino dos Reis, conhecido como Dosreis, homem branco, que tem dificuldades

² Ver: EVERDOSA, 2015.

de se integrar à Cidade Baixa, “As pessoas que estão morar lá dizem é o Sambizanga; a polícia que anda patrulhar lá, que já é Lixeira, mesmo” (VIEIRA, 2006: p. 45). No período em que esteve preso, o policial Zuzué, ao cumprimentar os presos e Dosreis, para se mostrar superior, tenta falar em português, e não em quimbundo:

Bom dia meus senhores!

Nem uazekele kié-uazeka kiambote, nem nada, era só assim a outra maneira civilizada como ele dizia; mas também depois ficava na boa conversa de patrícios e, então, aí o quimbundo já podia se assentar no meio de todas as palavras, ele até queria, porque para falar-bem português não podia, o exame da terceira é que estava lhe tirar agora e por isso não aceitava falar um português de toda a gente, só queria falar o mais superior. (VIEIRA, 2006: p. 50)

O retrato sobre o cotidiano dos musseques contruído por Luandino Vieira nos seus contos revela assim a perseguição da polícia aos moradores dos musseques. Vemos que o personagem Xico Futa, que estava preso, orienta Dosreis a não se complicar diante da opressão que os negros moradores dos musseques sofriam na cadeia:

– Olha ainda Dosreis! Pensa bem, não lhe acusa assim à toa rapaz...

– Acusar à toa? Eu? Você me conhece, mano Xico, você sabe eu sou um homem duma palavra, não falo se não tenho a certeza... O gajo queixou. Se não, como iam me dar encontro? Como?...

Mas uma coisa é que as pessoas pensam, aquilo que o coração lá dentro fala na cabeça, já modificado pelas razões dele, a vaidade, a preguiça de pensar mais, a raiva nas pessoas, o pouco saber; outra, os casos verdadeiros de uma maca. E isso mesmo disse-lhe Xico Futa. Depois, os casos ficaram mesmo bem sabidos: no fim da tarde desse dia, o Garrido Kam'tuta adiantou entrar também na esquadra, na mesma prisão que eles dois. (VIEIRA, 2006: p. 53)

Assim, no conto “Estória do ladrão e do papagaio”, José Luandino Vieira problematiza a presença colonial em Angola, particularmente como ela ocorreu nos musseques de Luanda e como esse espaço de moradia foi interpretado como antagonista da modernidade que se instaurava na zona central de Luanda.

Em *A cidade e a infância* encontramos pistas da superlotação dos musseques, um processo de transformação de seu espaço em virtude do surto migratório da década de 1950. Zito, personagem de uma das histórias, desempenha no trecho a seguir um modo de pensar que evidencia a posição dos indivíduos que estão inseridos nesse contexto colonial:

A cabeça ardia em febre. O corpo doía de sempre deitado. Os olhos brilhantes e o hálito quente. [...] O irmão foi à janela espreitar. Cá fora o sol era vida nos muros brancos... A rua era de areia vermelha. [...] As tranças ficaram muito brilhantes. Os olhos também. Os lábios descoloriram. [...] Talamanca, aquela mulata maluca que fazia as brincadeiras da miudagem [...] aquele negro velhinho, o Velho Congo. E os pequenos negros, mulatos e brancos, calções rotos e sujos, corriam-

no à pedra [...] o senhor Albano, velho marinheiro de barcos e cabotagem e a branca Albertina. (VIEIRA, 2014: p. 25,26)

Ademais, na passagem é possível ainda observar um mundo social marcado pelo trabalho e para um despertar da consciência nacional, reflexo de uma sociedade em transformação. Esse foi o caso do personagem Zito que, ao lembrar dos relatos do pai durante uma febre, analisa como as coisas mudaram em Luanda, nos musseques, e como a vida havia ficado difícil para quem era negro, o que releva importantes elementos que contribuíram para a formação da identidade angolana. Este exemplo permite entender uma das dimensões que estão presentes na literatura que se produz em Angola no período de 1950, uma vez que os temas abordados (independência, passado, carnaval, condição de vida) visavam a dialogar com a população.

Assim, como afirma Vieira (2011), mesmo antes do processo de independência, nas décadas de 1960 e 1970, a literatura já se constituía como o lugar no qual os problemas gerados pelo colonialismo eram pautas de narrativas e poemas. Desse modo, os textos literários são entendidos como instrumento de afirmação de uma consciência política e crítica ao sistema colonial português, como também um meio de a população mais carente e moradores dos musseques conhecerem o seu território, além de mergulharem em um mundo de histórias que muito informavam sobre a história de Angola.

Como discorre Rita Chaves, nesse processo de formação e reflexo de uma sociedade em mudança, a literatura em Angola contribuiu para a quebra do ponto de vista apresentado ao angolano, isto é: “o do homem europeu, culto, cristão, superior na civilização e de que se fazia representante de um mundo moderno” (CHAVES, 2004: p. 149). Ao desempenhar essa função, a literatura também realiza em Angola uma forma de leitura da experiência colonial que foi mais sentida (brutalmente) nos musseques.

Nesse ato de ler um aspecto da realidade angolana, a partir de algumas obras do escritor José Luandino Vieira, vislumbramos a representação de acontecimentos que marcaram um tempo de conflitos e violência no território angolano. O escritor elabora uma articulação com um tempo na história de Angola em que as imposições portuguesas não existiam para a população mais pobre, como podemos observar na seguinte passagem de *A cidade e infância*: “E lembrava-se do tempo em que não havia perguntas, respostas, explicações. Quando não havia a fronteira de asfalto” (VIEIRA, 2014: p. 41). Com efeito, no modo como o escritor organiza o conteúdo de suas histórias, ele discute o complexo e multifacetado processo de construção da identidade angolana, revelando assim possibilidades de interpretação para prosseguirmos pelas estreitas ruelas e becos dos musseques luandenses.

Nesse ínterim, um dos caminhos de interpretação leva à colonização ao longo da história de Angola, que criou bases para o surgimento desses contingentes de pessoas ao redor da área central de Luanda. Pessoas que se deslocaram de um mundo rural e passaram a estabelecer residências nos musseques, contribuindo com as mudanças da paisagem da cidade.

Segundo Cortines, Luanda “se estabelece como símbolo da colonização e do sistema colonial, uma vez que difunde e agrega os valores culturais e civilizacionais do colonizador” (CORTINES, 2012: p. 48). Em outras palavras, essa difusão expôs as assimetrias e desigualdades geradas pela presença portuguesa, obrigando o homem angolano a viver de outra forma, nos musseques. Tais assimetrias e desigualdades reproduziam-se também na geografia do interior dos musseques, nas dinâmicas sociais e culturais tecidas entre grupos populacionais diversificados que viviam naqueles espaços.

José Luandino Vieira, quando enfatiza essas mudanças, revela-as em trechos da narrativa como um cotidiano multifacetado, de sofrimento e luta pela sobrevivência. Sua narrativa literária ficcional foi marcada pela denúncia contra a subalternização e invisibilidade dos moradores dos musseques, conforme a passagem de *A cidade e a infância* sugere: “Hoje muitos edifícios foram construídos. As casas de pau-a-pique e zinco foram substituídas por prédios de ferro e cimento, a areia vermelha coberta pelo asfalto negro e a rua deixou de ser a Rua do Lima. Deram-lhe outro nome” (VIEIRA, 2014: p. 27).

Dessa maneira, é perceptível que a história da literatura de Angola se confunde com a história do próprio país. O centro urbanizado, nas margens costeiras da cidade, foi ocupado progressivamente pelos estrangeiros, e a elite local perdeu o seu status e foi obrigada a estabelecer moradia nos musseques.

A literatura de expressão portuguesa que se forma desde os tempos coloniais em Angola, na geração de 1940 e que se estende a 1950, permitiu o aparecimento de uma intensa produção que dialogou com o momento histórico que o país atravessava, por exemplo, com o autoritarismo do colonizador sobretudo em relação às camadas populacionais que viviam nos musseques.

Assim, quando José Luandino Vieira produziu suas histórias, expôs o seu testemunho sobre uma realidade marcada por contradições e conflitos políticos e sociais, levando o leitor à reflexão sobre o papel dos africanos na história do país, que se intensificava com o acelerado processo de conscientização contra o sistema colonial. À luz dessas condições de produção é possível ler os textos do escritor como um documento que revela em seus significantes as tensões e mudanças de um momento da história de Angola, como também a leitura do homem angolano daquele tempo, um indivíduo que despertava para um sentimento de nacionalidade

angolana.

2. Luanda e seus musseques

A colonização portuguesa no território angolano nas proximidades da cidade de Luanda, como informa Pereira (2015), passou por diversas transformações territoriais e de reorganização do espaço urbano. Angola possui extensão territorial de 1,2 milhão de km² e o destaque de ser a colônia de Portugal mais rica no continente africano. Pereira (2015) ainda revela que os recursos naturais ali existentes superavam alguns setores da economia lusitana, provocando a existência de uma política de controle de mercado frente ao cenário externo para não afetar as indústrias portuguesas.

A partir da Conferência de Berlim³, Portugal definiu os limites territoriais de Angola, bem como das demais colônias, em 1884, porque já havia o receio (da comunidade internacional) em relação à capacidade de administração dos territórios no continente africano⁴. Dessa forma, até a Segunda Guerra Mundial, o papel de Angola para os portugueses era também de fornecedor de matéria-prima necessária às indústrias metropolitanas, por exemplo, têxteis e de calçados. Ainda como afirma Pereira (2015), a ocupação em Angola antes da segunda metade do século XX não ultrapassava a faixa costeira e os antigos portos de exportação de escravos, sendo as cidades de Luanda e de Benguela os principais pontos de acesso ao território angolano via superfície terrestre. Um outro acesso para essas localidades também ocorria pelas margens do rio Kwanza devido à existência de fortes, presídios, mercados e feiras na região costeira.

Com as consequências desse tipo de atividade, a cidade de Luanda foi progressivamente envolvida por bairros que cresciam em número de pessoas com baixo poder aquisitivo. De acordo com Nascimento, os anos de 1940 foram marcados pela chegada dos portugueses à cidade de Luanda (NASCIMENTO, 2013: p. 130).

Segundo Cortines, “ao ir viver nos musseques, as pessoas que anteriormente pertenciam a uma classe social privilegiada, sentem o choque do contato com as pessoas vindas do sertão angolano, e as identidades se perdem” (CORTINES, 2012: p. 44). Tais grupos

³ Impulsionado pelo expansionismo europeu, a Conferência de Berlim (1884-1885) tratou da divisão e ocupação do território africano. De acordo com Leila Hernandez, “a corrida ao continente africano foi acelerada, num gesto inequívoco de violência geográfica por meio da qual todo o espaço recortado ganhou um mapa para ser explorado e submetido a controle. A demarcação das fronteiras prosseguiu, entendendo-se até depois da Primeira Grande Guerra Mundial” (HERNANDEZ, 2008: p. 64). Ver mais em: WESSELING, 2008.

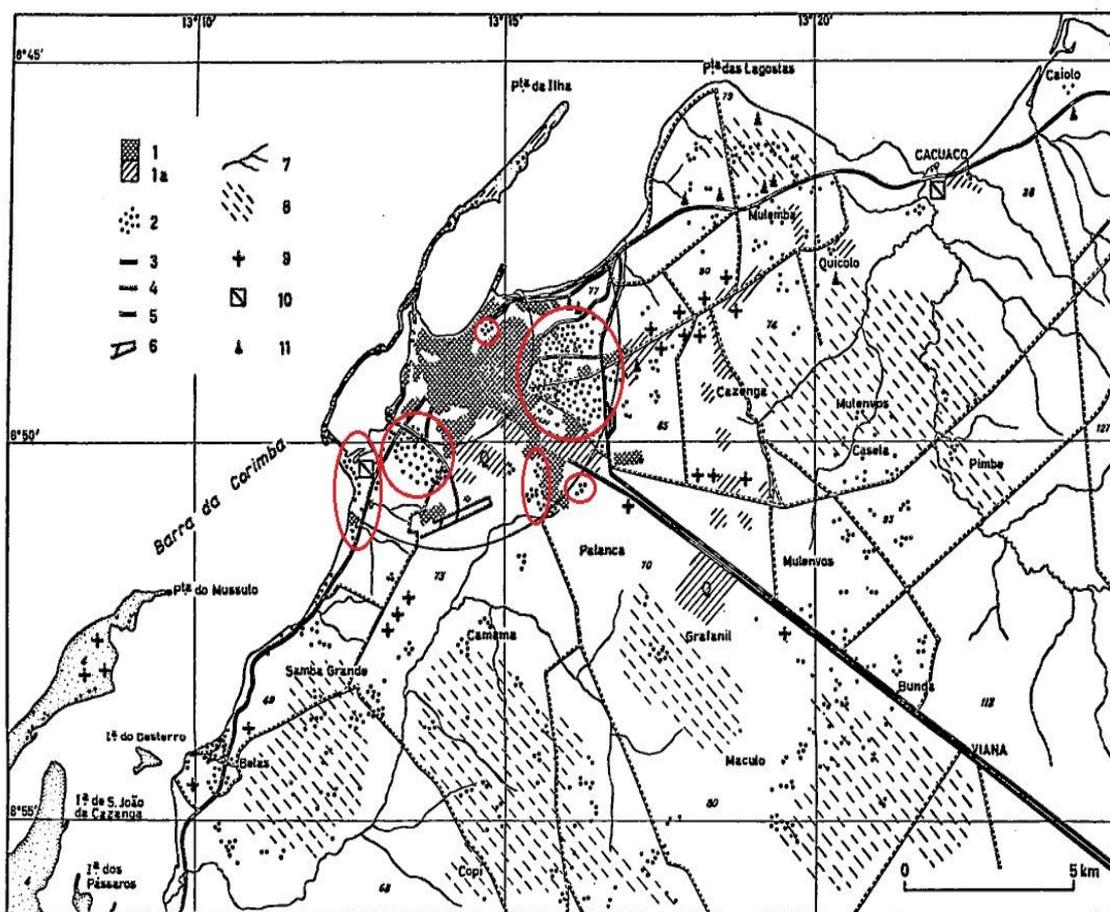
⁴ Ver mais em: VISENTINI, 2012.

populacionais ajudaram a sedimentar os componentes que criaram as bases de um espaço dividido em dois: uma cidade organizada e moderna e outra dividida em núcleos sociais e raciais.

Para tanto, compreender como se deu esse cenário acarreta em considerar que o processo de urbanização traz como impacto os problemas ditos urbanos, tais como o alto índice de desemprego, a violência, a carência de serviços básicos, que, no contexto de ocupação e expansão do território luandense, provocaram a expansão de diversas áreas da cidade, transformando a paisagem urbana daquela região. Como observou Trigo (1981), os problemas apontados são também oriundos de um êxodo rural considerável, já que a cidade, durante os anos de 1940 e 1950, tornou-se atrativa para aqueles que viam nela a possibilidade de progresso econômico e social. Nesse cenário, favoreceu-se a formação dos musseques⁵, como o mapa a seguir mostra:

Figura 1. A cidade de Luanda e os seus arredores.

⁵ É um termo oriundo do dialeto quimbundo (*muceque*) e se refere a uma região de zonas de areias vermelhas situada no planalto da cidade angolana (AMARAL, 1983: p. 296).



Luanda e os seus arredores.

1 e 1-a — Ocupação urbana densa e menos densa; 2 — musseques e aglomerados de cubatas; 3 — estradas principais; 4 — estradas secundárias; 5 — linha férrea; 6 — aeródromo Craveiro Lopes; 7 — valesiros; 8 — áreas de plantações de mandioca, milho, feijão, etc.; 9 — hortas e pomares; 10 — salinas; 11 — estabelecimentos industriais fora do núcleo urbano; Q — Aquartelamentos militares.

Fonte: AMARAL, 1983: p. 294.

Na região com destaque no mapa localizamos uma maior concentração de musseques que contornavam a área urbana da cidade. De acordo com Mourão (1980), a região dividia-se da seguinte forma: um espaço de moradia e trânsito de brancos, ao contrário do que acontecia nos arredores, onde há os musseques, que por sua vez cresceram em direção às outras zonas de Luanda, a região rural, e eram frequentados mais por negros.

Neste contexto, as zonas urbanas da cidade foram divididas em pequenos grupos de trabalhadores, para que fosse propício o surgimento de centros rurais e industriais, ou seja, “Para cumprir o objetivo, brancos e negros deveriam trabalhar sem, entretanto, misturarem-se. A segregação era a regra primordial para alcançar o objetivo de construir, em Angola, uma sociedade semelhante à portuguesa” (CORTINES, 2012: p. 43). Assim, ao redor da zona urbana da capital angolana aglomeraram-se moradias chamadas de cubatas, ocupadas por indivíduos que, na hierarquia do espaço citadino, foram expulsos da área central, servindo de refúgio para

africanos pobres e portugueses em dificuldades financeiras⁶.

As cubatas eram moradias construídas de materiais vegetais, como palha ou choça, ou para designar as casas de pau a pique e alvenaria situadas nos bairros pobres de Luanda, chamados de musseques. Em virtude da expansão urbana de Luanda nas décadas de 1950 e depois em 1960, essas moradias receberam um tratamento pejorativo por caracterizarem-se como uma área residencial de baixo poder econômico e social, onde viviam e estavam africanos endividados e portugueses que possuíam pouca qualificação profissional (GUIMARÃES, 2010: p. 170).

Muitos portugueses brancos (nos anos de 1950) imigraram para Luanda com a intenção de explorar e usufruir de novas possibilidades de trabalho. Foi uma fase econômica lucrativa provocada por uma maior exploração de minérios, avanço do parque industrial, modernização das instalações portuárias e maior produtividade de café. Nesta zona da cidade, localizada nas proximidades do perímetro que exercia um maior trânsito das atividades econômicas, os musseques, nas palavras de Amaral, surgiram:

como bairro de misérias e transição, nasceram logo após a criação da cidade, primeiro na forma de quintais onde traficantes de escravos acumulavam as suas *peças* para a exportação, depois como aglomerados de cubatas, nos Coqueiros, no Bungo, nas Ingombotas, nas Maiangas, habitadas por africanos escravos e libertos. (AMARAL, 1983: p. 298, grifo do autor)

Assim, as grandes mudanças de natureza social e econômica ocorridas em 1940 e 1950 transformaram o espaço luandense. Monteiro (1973) expõe dentro desse processo que os musseques desempenharam a função de alocar uma mão de obra com pouca ou sem nenhuma capacidade técnica, revelando um problema de planejamento urbano⁷ a ser resolvido pelas autoridades e colaborando para a interpretação de ser um espaço para a marginalidade.

Quanto ao fluxo migratório que levou várias pessoas para os musseques de Luanda, Amaral revela que “Como não houve equilíbrio para alocar essas pessoas, como também proporcionar um bom salário, elas fixaram residência nos musseques” (AMARAL, 1983: p. 295). Assim, podemos perceber que um dos motivos que orientaram várias famílias a migrarem foram as novas possibilidades de trabalho, em um contexto no qual se difundia a ideia de progresso e melhoria na qualidade de vida em Angola.

Seguindo o estudo do cenário luandense, o caráter explosivo do crescimento de Luanda, a partir da década de 1940, ocorreu por conta de uma política de investimento financeiro da parte de Portugal. Tal política ocasionou a ida e o estabelecimento de colonos

⁶ Ver discussão em: OLIVEIRA, 1981.

⁷ Para melhor compreender como nasceram os musseques, ver: MONTEIRO, 1973.

portugueses brancos na região rural, como também a intensificação da exploração dos minérios e a abertura de novas instalações portuárias.

Os anos de 1940 e 1950 caracterizaram-se também pela existência de grande parte dos trabalhadores assalariados dos musseques. Cerca de 69,5%, segundo dados do censo organizado por Guimarães (2010), constituíam a população daqueles aglomerados urbanos. Sendo assim, o contexto da capital angolana nas décadas de 1950 e 1960 caracterizou-se por cargos ocupados por pessoas quase sem grau de escolaridade, ou mesmo nenhum, tais como carpinteiros, marceneiros, polidores, pedreiros, pintores, serventes e jardineiros. Todos pertencentes a uma camada da população que deveria ser alocada e mantida em uma zona suburbana de Luanda, no intuito de não incomodar as hierarquias urbanas estabelecidas por uma parte da população que desfrutava dos lucros e comodidades da reorganização do espaço urbano de Luanda.

Considerações finais

As ruas da Cidade Baixa que ligavam os musseques revelavam transformações rápidas e radicais produzidas nas zonas urbanas de Luanda. Os aglomerados urbanos foram realocados para regiões mais distantes da área central da capital luandense, dando lugar a construções, edifícios e alargamento de ruas na capital. Diante desse contexto, a população dos musseques de Luanda passou a conviver com os impactos negativos das transformações urbanas.

Os musseques de José Luandino Vieira evidenciam com maior nitidez os preconceitos sociais e raciais na sociedade angolana. Quando em *Luuanda* o escritor dá voz a Vavó Xixi, uma senhora que morava em uma cubata e sofria com a fome ao lado de seu neto, denunciando a precariedade da vida nos musseques. Além disso, sugere o início do processo em que uma camada da população africana passou a se voltar contra a opressão do colonialismo vigente.

Nessa projeção da realidade, o texto ficcional critica a explosão populacional ocorrida nas décadas de 1940 e 1950 que transformou as vivências nos musseques. Por outro lado, os aglomerados urbanos testemunhariam um conflito sangrento e seriam conhecidos como um refúgio de revolucionários, integrando o processo de luta pela independência do país.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Ilídio. *Luanda e os seus “Muceques”*: problemas de Geografia Urbana. Lisboa: Finistera, 1983.
- BITTENCOURT, Marcelo. “Modernidade e atraso na luta de libertação angolana”. In: REIS,

- Daniel Aarão; ROLLAND, Denis. (orgs.). *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008, p. 277-294.
- BITTENCOURT, Marcelo. *Estamos juntos! O MPLA e a luta anticolonial (1961-1974)*. Luanda: Kilombelonbe, 2008.
- CARVALHO, Sílvio Almeida. *Angola: história, nação e literatura (1975-1985)*. Curitiba: Editora Prisma, 2016.
- CHAVES, R. “O passado presente na literatura africana”. In: *Via Atlântica*, n. 7, dez. 2004, p. 147-161. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/index>. Acesso em: 06/03/2019.
- COELHO, João Paulo Borges. “Escrita acadêmica, escrita literária”. In: RIBEIRO, Maria Calafate; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Moçambique das palavras escritas*. Porto: Edições Afrontamentos, 2008.
- CORTINES, Paula de Oliveira. ‘A cidade e a infância’ e ‘Os da minha rua’: representações da infância luandense em narrativas angolanas. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, 2012.
- EVERDOSA, Carlos. *A Literatura Angolana*. 2ª ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2015.
- GUIMARÃES, R. da S. “As vulnerabilidades nos musseques luandenses na década de 1960”. In: *Anais eletrônicos do XIV ANPUH. Memória e patrimônio*, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276562012_ARQUIVO_artigo_anpuh_rogerioguimaraes.pdf. Acesso em: 06/03/2019.
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. *A África na sala de aula: visita à história contemporânea*. 2ª ed. rev. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- MACEDO, Tânia. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- MONTEIRO, Ramiro Ladeiro. *A família do musseque de Luanda*. Angola: F.A.S.T.A, 1973.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1980.
- NASCIMENTO, Washington Santos. “Entre assimilados, mulheres e homens do mato: a busca pelo sujeito nacional em Luandino Vieira”. In: *História: Questões & Debates*, v. 64, n. 1, jul. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/44076>. Acesso em: 07/03/2019.
- _____. *Gentes do mato: os ‘novos assimilados’ em Luanda (1926-1961)*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2013.
- OLIVEIRA, Mário Antônio Fernandes. *Alguns aspectos da administração de Angola em*

- épocas de reformas (1834-1851)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1981.
- PEREIRA, José Maria Nunes. *O paradoxo angolano: uma política externa em contexto de crise (1975-1994)*. Luanda: Kilombelombe, 2015.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. “O estudo das literaturas africanas no Brasil: perspectivas contemporâneas, novos desafios”. In: *AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos*, v. 1, n. 1, fev. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/19046>. Acesso em: 07/03/2019.
- TRIGO, Salvato. *Luandino Vieira, o logoteca*. Brasília: Editora Porto, 1981.
- VIEIRA, Maria Agripina Ferreira Carriço Lopes. *Construção da identidade na ficção de Luandino, Pepetela e Agualusa*. Doutorado em Estudos Literários. Literatura Comparada, Universidade de Lisboa. 2011.
- VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. 2ª ed. Lisboa: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA), 2014.
- _____. *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- VISENTINI, Paulo Fagundes. *As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.
- WESSELING, H. L. *Dividir para dominar: partilha da África, 1880-1914*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

Alexandre da Silva Santos: Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM) / Bolsista Capes.

Keith Barbosa: Docente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (PPGH-UFAM).

Como citar este artigo:

Santos, Alexandre da Silva ;Barbosa, Keith; Os musseques de José Luandino vieira e a história de ocupação dos espaços urbanos de Luanda (1950-1970). In REVISTA TRANSVERSOS. "Dossiê: REFLEXÕES SOBRE E DE ANGOLA - INSCREVENDO SABERES E PENSAMENTOS". N° 15, Abril, 2019, pp. 141-154 Disponível em <<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/transversos/index>>. ISSN 2179-7528. DOI:10.12957/transversos.2019.41848